



# Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços  
N.º 38 – 2010

## SÃO JOÃO DA CRUZ Imagem do Carmelita autêntico

*Homilia do P. Geral pronunciada por motivo das profissões solenes no “Teresianum”, no dia 14 de Dezembro*

Parece-me muito bem esta tradição que se impôs no nosso Colégio Internacional, de fazer coincidir o rito das profissões solenes com a festa de S. João da Cruz. Pois como dizem as nossas Constituições, “temos que nos fixarmos no nosso Pai João da Cruz como imagem viva do carmelita autêntico. Ele pode bem repetir-nos a palavra do apóstolo: ‘Sede meus imitadores, como eu sou de Cristo’; efectivamente a vocação do Carmelo renovado resplandece na sua vida, na sua actividade e na sua doutrina” (nº 12).

João da Cruz tem que ser para nós não só um grande místico, um extraordinário poeta e um eminente doutor de teologia espiritual. Nele a nossa própria vocação chega à perfeição e, portanto, para ele temos que olhar para aprender a viver a nossa vida quotidiana, para tomar as nossas decisões pequenas e grandes, para construir espiritual e materialmente o nosso Carmelo de hoje.

Por isso digo-vos, irmãos, que hoje vos entregais para sempre e com todo o coração à nossa família do Carmelo: não percais de vista a João, não o considereis um modelo inacessível, tomai-o como director espiritual, como mestre das coisas de Deus, como profundo conhecedor da nossa humanidade, como amigo e irmão que, pela sua experiência, nos pode ensinar a viver esses momentos de provação que, no nosso caminho de religiosos, saíram ao nosso encontro.

João é para mim um homem simples. Pode parecer estranho aquilo que digo, creio que a síntese da sua santidade está nisto: a simplicidade. É uma simplicidade que une harmonicamente valores que podem parecer opostos, como austeridade e doçura, amor pela solidão e abertura total ao irmão, profundidade de pensamento e agilidade na inspiração poética, contemplação e uma forte actividade apostólica.

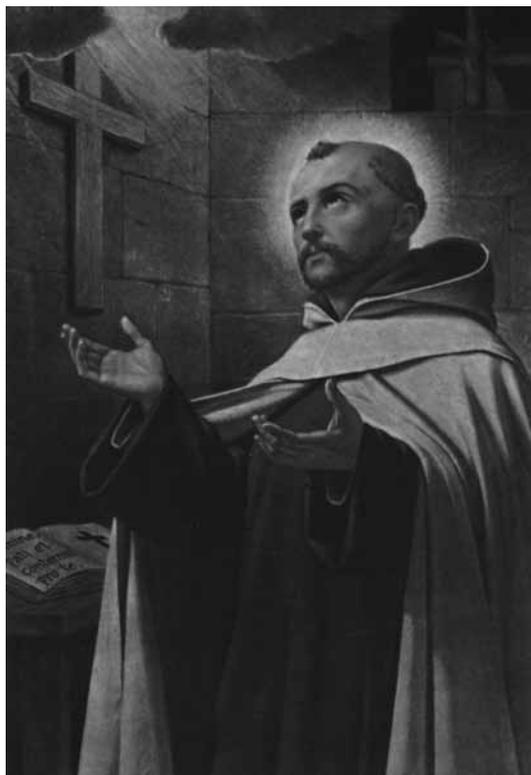
Esta harmonia de opostos se explica, segundo o meu entender, somente de um modo, João assumiu plenamente a realidade, a vida. João abandonou o seu eu e, nesta passividade, assumiu a realidade tal qual é, em toda a sua riqueza e profundidade. Por isso podia exclaimar: “Meus são os céus e minha é a terra, tudo é meu, porque Cristo é meu e todo para mim”.

João chegou ao centro das coisas, e desde este centro, desde este fundamento ontológico encontrou-se com Cristo, porque, como diz o Apóstolo, “a realidade está em Cristo” (Cl 2, 17).

Impressiona a capacidade de síntese teológica, melhor dito, teologal, de João: recolher o profundo nexos entre as criaturas, unificadas na realidade do Cristo

total, criador e redentor, e juntar tudo em Cristo centro da vida trinitária.

Diferenciando-se de outros autores, João não fica numa devoção a Jesus Cristo, entra na mina inesgotável dos seus mistérios, mas sem perder nunca a ligação com a realidade, com a carne. Deus reveste todas as coisas de graça sobrenatural no mesmo momento em que o Verbo se faz homem. Desde então tudo está unido a Deus, e é



uma graça de união que pode ser assumida desde a mirada contemplativa.

A contemplação não é outra coisa que um encontro de olhares: Deus olha o ser humano com amor e o homem consegue olhar a Deus com amor, com o mesmo amor feito doação plena, antes de o acolher plenamente. Não há nada mais simples que o olhar-se aos olhos de dois enamorados, mas tão pouco há nada mais exigente e comprometedor. É o momento em que a palavra está superada, porque se trata de uma comunicação diversa, é o que João da Cruz chama “aspiração” do mesmo Espírito.

Antropologicamente poderíamos dizer: respirar juntos, um na respiração do outro. Não é assim que se inicia a Criação, o homem começou a respirar porque Deus lhe comunicou a sua respiração, o hálito da vida?

Mas qual é o caminho que conduz a esta simplicidade que une e transforma? João dá uma resposta única, que pode resultar difícil, e à qual somos tentados a responder, como os discípulos a Jesus: “Que palavras insuportáveis! Quem pode entender isto?” (Jo 6, 60). Escreve João: “... para entrar nestas riquezas desta sabedoria, a porta é a cruz, que é estreita. E desejar entrar por ela é de poucos; mas desejar os deleites a que se chega por ela, é de muitos” (CB 36, 13).

Sabemos que o símbolo mais original com que João descreveu o caminho da cruz é a noite escura. Toda a sua inspiração poética, se o pensamos com calma, não é outra coisa que isto: uma transfiguração do caminho de cruz num caminho fuga amorosa, de evasão/libertação para o Amado. Não é possível o encontro com o Amado sem uma mudança de dimensão, mudança existencial. Esta mudança descreve-a João com o símbolo da noite. O encontro, o abraço realiza-se na noite, não no dia.

A noite é o lugar de perda de autonomia, da capacidade de auto-determinação. Se se abandona a escuridão, e milagrosamente a escuridão se transforma em luz, porque na escuridão se desenvolve o desejo, a chama de amor viva daquele que “me estava esperando num lugar distinto de qualquer outro”. A noite separa de tudo e a todos, mas atrai um encontro a sós com quem em si mesmo encerra tudo em todos.

Sabemos que esta doutrina, que não acaba de nos surpreender e de nos estimular, nasce da experiência, de um caminho vivido, feito de derrotas e quedas que são transformadas em fulgurantes vitórias, de baixezas que se convertem em glórias, de mortos que somente o foram na vigília da ressurreição.

Ser homens é uma graça imensa porque em Cristo está a condição do mesmo Deus. Mas há um modo de ser homens que não nos é dado pela natureza. Devemos converter-nos em homens, e o único modo para fazer-se homem é o que o próprio Deus nos ensinou: tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Sei que é uma linguagem dura, mas sei que somente esta doutrina é substancial, já que são palavras de luz e amor.

Desejo-vos, irmãos, que ides fazer a profissão solene: a “ditosa ventura” de uma noite iluminada e inflamada no desejo do Amado. Não vos perdereis se esta luz arde nos vossos corações; ela vos conduzirá com toda a certeza aos braços d’Aquele que vos está esperando muito mais de quanto nós O esperamos.

*P. Saverio Cannistrà*  
Prepósito Geral OCD

---

# **Caminho de Perfeição**

## **A caminho do Centenário**

*Mensagem do P. Geral a toda a Ordem com motivo da festa de Santa Teresa de Jesus de 2010*

Com a celebração da festa de Santa Teresa inicia o segundo ano do nosso caminho de preparação para o V Centenário do seu nascimento, dedicado à releitura e meditação do *Caminho de Perfeição*. Sinto a necessidade, nesta ocasião, de tornar-me presente com uma palavra a todos os irmãos e irmãs, religiosos e seculares, da grande família teresiana, para recordar a importância desta tarefa. Sei que tendes muitas coisas a fazer, que podem parecer-nos mais importantes e urgentes, mas não é tão essencial para o “cuidado da nossa vocação” e para o crescimento na unidade da família. Como sucede com a oração, também a leitura de Teresa não resultará sempre frutuosa e apetecível. Haverá dias em que as suas palavras nos parecerão muito distantes dos problemas do nosso mundo, ou elevadas demais se as comparamos com a pobreza da

nossa experiência quotidiana, ou difíceis de interpretar e actualizar, e, portanto, podemos cansar-nos de a escutar. Não há que estranhar-se nem escandalizar-se: forma parte do cansaço do caminho e da conversão. Contudo, para lá do gosto ou da emoção do momento o simples facto de querer colocar-se a escutar a Madre, reconhecendo-nos deste modo seus discípulos, tem um enorme valor. Significa reconhecer que para viver a nossa vocação temos um caminho que percorrer, um cansaço que afrontar, uma verdade que descobrir no interior de nós mesmos, no mistério divino que nos habita e no qual habitamos. E só aquela que nos precedeu abrindo-nos o caminho, pode conduzir-nos de modo seguro por entre os conflitos das ocupações e pelo ruído das vozes do tempo presente.

Se considerarmos com suficiente honestidade a realidade da nossa vida religiosa, se estamos abertos a admitir os seus vazios e as suas incoerências, a perda de esperança e de enamoramento que muitas vezes e de muitas maneiras

a caracterizam, o retorno a Santa Teresa e ao seu magistério converter-se-á numa exigência incontestável, já que está em jogo a nossa felicidade.

Como ser felizes se a nossa vocação e missão, em vez de ser uma força vital que nos move desde o interior e dilata a nossa humanidade, se converte num jugo que há que levar, pesado e faltos de motivação? Contudo, isto sucede e constatamos frequentemente que procuramos noutro lugar esse sentido e essa alegria de viver que o Senhor reservou para nós no cofre da nossa identidade carismática. Uma identidade com a qual estamos cada dia mais chamados a identificar-nos, desafiando vozes exteriores e sobretudo internas, que nos repetem que todo o escândalo é estupidez.

Sabemos que o ponto de partida, o ponto de “arranque” do *Caminho de Perfeição* é precisamente este: uma dialéctica amorosa com o mundo, o desejo de lutar pelo homem pondo-se do lado de Jesus contra os inimigos da humanidade. E os inimigos às vezes são evidentes e macroscópicos, mas noutros muitos casos são invisíveis, microscópicos, como germes e vírus que põem em perigo a saúde espiritual da pessoa. Gosto de ler o *Caminho* como um livro terapêutico, escrito para a cura da alma. A alma nasceu para viver no seu centro que é Jesus Cristo. Tudo aquilo que embaraça, debilita e obscurece a relação com Ele (e também a relação consigo mesmo) é enfermidade e desvio e compromete o seu equilíbrio e o seu desenvolvimento.

Quando Teresa fala da oração, não fala de um simples acto ou exercício espiritual. Para ela a oração é a expres-

são de uma alma sã, de um corpo que respira livremente e recebe energia do seu manancial de vida. É a expressão normal do crente. Toda a vida espiritual por repleta que esteja, acaba desembocando na recitação do “Pai nosso” como expressão da total adesão da mente e do coração,

como nos mostra o comentário que Teresa dedica nos últimos dezasseis capítulos da obra.

Qual é então a perfeição a que tende o caminho ensinado por Teresa? É a que é capaz de chamar a Deus “Pai” não só com os lábios, mas abandonando-se como o filho pequeno, que se deixa levar nos braços do seu papá. Com uma diferença substancial: este papá não é só meu, como reclama a zelotípa infantil mas “nosso”, e portanto o seu abraço não me fecha numa relação exclusiva com Ele, mas une-me ao mesmo tempo com a comunidade dos irmãos. A perfeição consiste, portanto, em ser tão adultos que podemos pronunciar como próprias as palavras que Jesus pronunciou ao dizer a Deus: Pai nosso!

Peço a Santa Madre Teresa que a leitura do *Caminho de Perfeição* nos ponha efectivamente

no caminho para esta meta, ajudando-nos a corrigir os desvios da rota, a eliminar quanto nos atrasa e nos torna pesados, que ela nos ajude a “pôr os olhos” em Jesus, para aprender d’Ele o que significa ser filhos de um Deus, que é nosso Pai.

Fraternalmente

P. Saverio Cannistrà  
Prepósito Geral OCD



## Caminho de Perfeição

### Contexto histórico, religioso e espiritual do livro

Para compreender melhor o *Caminho de Perfeição* de Teresa de Jesus e as suas duas redacções convém ter presente o ambiente histórico, religioso e espiritual em que ele foi escrito.

Estamos no tempo áureo da Inquisição. O seu *Livro da Vida* encontrava-se retido nos depósitos da Inquisição. Este podia seguir o mesmo destino. Mas como os pedidos eram muitos e insistentes e os mandatos dos confessores eram constantes, Teresa, apesar dos pesares, põe-se a escrever.

Vive-se em Espanha, no tempo de Teresa, um ambiente polémico e de forte tensão a todos os níveis. Teresa não

vive alheia, pelo contrário, ela participa activamente nesta polémica. O momento é de tensão espiritual provocada pela publicação de certos livros.

#### Invasão protestante

Em 1556, Carlos V retirou-se para Yuste. Entre este ano e 1563, ano da clausura do Concílio de Trento, Espanha muda rápida e profundamente de clima espiritual e toda a Europa chegou a um desses momentos críticos em que se quebra o equilíbrio já estável, e tudo acontece muito descontroladamente. Carlos V, depois da paz de Au-

gsburgo, renunciou ao papel de árbitro que tinha mantido durante trinta anos entre Roma e a Alemanha protestante. O protestantismo alcançou um triunfo tal que varreu todas as ilusões do momento. O culto protestante começou a organizar-se em França como uma confissão dissidente. O anglicanismo foi-se consolidando depois da breve restauração católica de Maria Tudor. Calvino fez com que Servet morresse na fogueira, e Genebra afirma-se como a metrópole de uma nova ortodoxia. Todos estes acontecimentos exercem grande influência na vida de Teresa.

### Renovação espiritual

Desde o princípio do século está em curso em Espanha um movimento de renovação espiritual. A reforma da Igreja espanhola antecipou-se quase meio século à reforma tridentina. E esta reforma não foi teórica, dogmática ou legalista, mas realista e integral. Chegou à alma do povo e provocou o surgimento de uma espiritualidade popular e universal.

Sem sairmos do pequeno mundo teresiano, encontramos casos extremos de alta espiritualidade tanto entre pessoas humildes e analfabetas como entre aristocratas e damas da corte. Temos, por exemplo, o caso de Maria de Jesus e Catarina de Cardona. A primeira, uma analfabeta, jovem viúva andaluza, empreende uma viagem a Roma, descalça, para conseguir um breve pontifício que a autorize a fundar um mosteiro austero de carmelitas. O segundo caso é Catarina de Cardona, dama da rainha, aia do príncipe Carlos e de D. João de Áustria. Esta foge de noite da corte, disfarçada de homem, para se internar nas serranias de Cidade Real e aí viver vida penitente.

### Movimento literário espiritual

Acompanhando tudo isto, começa a aparecer um grande movimento literário espiritual. Garcia Jimenez de Cisneros, primo do Cardeal Cisneros, funda uma tipografia em Monserrat. O próprio Cardeal Cisneros funda outra em Alcalá. Os tipógrafos de Sevilha e Salamanca lançam sobre toda a Espanha uma onda de livros espirituais em latim e espanhol. São publicadas obras procedentes de todas as épocas, línguas e nações, traduções dos Padres da Igreja, livros da *devotio moderna*, da escola mística alemã e italiana, escolásticos medievais, e protestantes daquele tempo, livros de autores espanhóis de última hora...

Tanto esta literatura espiritual, como a religiosidade popular e o movimento das reformas dentro da vida religiosa, têm isto em comum: a interiorização da vida espiritual e a oração mental. A este movimento espanhol junta-se uma forte corrente que chega de fora, revestida

de humanismo. É sobretudo a oração mental o ponto em que confluem todos os movimentos renovadores, nacionais ou estrangeiros.

Sobre este horizonte de grandes aspirações espirituais começa a aparecer algo contrastante e decisivo: o florescimento teológico que dará a Espanha duas gerações de teólogos de Trento e de Salamanca; desde Vitória até Bañez, Suarez e os salmanticenses.

### Teólogos e espirituais

Mas o que é que aconteceu? A espiritualidade e a teologia não seguem o mesmo caminho, pelo contrário, contrapõem-se. No seio da Igreja espanhola vai-se forjando, durante vários anos, um antagonismo que suscitará divisões e tempestades, chegando mesmo a lutas constantes, fortes e inflamadas entre teólogos e espirituais.

Por uma parte encontram-se os teólogos que desconfiam de uma espiritualidade que não se apoia em princípios dogmáticos. Os teólogos vêem nos espirituais aberrações morais escondidas, influências do pietismo protestante ou do quietismo iluminado. Vêem um culto exagerado pela oração disfarçado de protestantismo que procura subtrair-se ao controlo da hierarquia e da teologia.

Por outra parte encontram-se os espirituais que desconfiam dos teólogos, vendo neles especialistas da letra morta, vazios de espírito cristão e francamente incapazes de julgar uma vida sobrenatural de que não têm experiência nem noção.

Nos escritos teresianos, que tão claramente manifestam esta situação de luta, os representantes de um e outro grupo serão chamados “letrados” e “espirituais ou experimentados”. A própria Santa tem consciência clara que não é uma “letrada”, mas uma espiritual experimentada, contudo, não se deixa influenciar por nenhum grupo. Teresa é amiga de “letrados”, mas como ela própria diz: “[eu] não fazia senão disputar com os letrados” (V 35, 4).

Apesar desta reacção o caso é que quando escreve o *Livro da Vida* passou decidida e conscientemente para o grupo dos letrados.

Nas páginas do *Caminho de Perfeição*, escritas por esta altura, a opinião de Teresa a favor dos letrados passará a ser norma para as suas discípulas. Isto aparece claramente nos capítulos 3º a 5º. Nos restantes livros, como por exemplo as *Moradas* e as *Fundações*, etc, ela mantém a mesma decisão sem nenhuma dúvida.

Esta posição de Teresa manifesta somente o indício do grande azedume com que por aqueles anos se enfrentavam os *letrados* e os *espirituais*. A tensão entre estes dois grupos adquiriu grande gravidade pela envergadura daqueles que encarnaram uma e outra corrente. Entre



os espirituais temos grandes santos e autores místicos a meados do século de ouro; e do lado oposto, está a grande maioria dos teólogos da escola dominicana e da universidade de Salamanca.

### Casos clamorosos de visionárias

Entre os espirituais existem alguns casos, que não são raros infelizmente, de visionárias e reformistas exaltadas que vêm agudizar ainda mais a situação: temos, por exemplo, os casos clamorosos de Maria de São Domingos e Madalena da Cruz. Tanto uma como outra projectam sobre a vida mística teresiana uma sombra muito funesta. Madalena de São Domingos, “a beata de Piedrahita”, visionária, estigmatizada, escritora mística, admirada cegamente por um sem número de discípulos e discípulas, mas submetida pelo famoso Caetano, Geral da Ordem de São Domingos, a uma espécie de reclusão vitalícia e dando ordens precisas contra ela, contra o seu profetismo e proselitismo. A recordação da beata e a sentença de Caetano pesarão sobre os teólogos que pouco depois entrarão em relação com a nova mística e visionária Teresa de Jesus.

### A visionária Teresa de Jesus

Recordemos o episódio que teve lugar entre João Salinas e Domingo Bañez, ambos dominicanos. Salinas pergunta a Bañez: “Quem é uma Teresa de Jesus que me dizem que é muito da vossa relação? Não há que confiar em virtude de mulheres... Bañez respondeu: Vossa Paternidade vá a Toledo e vê-la-á e experimentará que é razoável tê-la em muita consideração... Encontrando-se os dois mais tarde, Bañez interroga-o: Então, que diz de Teresa de Jesus? Respondeu Salinas com grande desembaraço, dizendo: Ó! Tinhas-me enganado, disseste-me que era mulher; pois, eu te digo com total certeza, que é homem varão e dos muito barbados” (*Isto foi referido pelo P. Bañez no processo de Beatificação - Salamanca 1591*).

A outra, Madalena da Cruz, abadessa de Córdoba, depois de ter sido aclamada santa pelos reis e grandes de Espanha, será processada pela Inquisição e condenada em 1564 a penitência pública. O seu caso está tão vivo quando se começam a divulgar os fenómenos místicos de Santa Teresa, que não faltará quem sussurre aos ouvidos desta e dos seus confessores augúrios de idêntico desenlace.

### A oração mental, pomo de discórdia

Do lado dos teólogos, contribuíram para agudizar o antagonismo, algumas figuras cimeiras, que concentraram a oposição sobre o tema da oração mental, divulgada pelos livros na linguagem do povo. Pregar aos quatro ventos – segundo eles – a vida de oração, é colocar em perigo não só a Igreja, mas a mesma república cristã. Divulgar em língua castelhana para o povo e as mulheres, os mistérios da fé, da teologia e da vida espiritual, é “coisa nociva ao bem comum” (*Melchior Cano*). “Por mais que as mulheres reclamem com insaciável apetite comer deste fruto [leitura

da Sagrada Escritura], é necessário vedá-lo e colocar a espada de fogo para que o povo não chegue a ele” (*idem*).

S. Vicente Ferrer afirmaria que, com as graças místicas de que se gloriavam os espirituais e outras ilusões semelhantes, se haveria de dispor o mundo para o Anti-Cristo.

Em termos mais depreciativos, ridicularizava o supremo inquisidor Valdês os livros de frei Luís de Granada sobre a oração, apelidando-os de livros de teologia para mulheres de carpinteiros.

P. Jeremias Carlos

---

## Deixou de ser vista

### Em paz descansa

Foi com grande surpresa que no dia 26 de Outubro recebemos a notícia de que a Celeste da Comunidade de Santa Teresinha de Coimbra, em Castelo Branco, retornou à sua origem divina, pois o seu coração deixou de bater. Ainda na véspera tinha falado para a presidente da comunidade, dizendo que não podia vir à conferência do Senhor Padre Jeremias, por não estar muito bem de saúde. Disse: “diz ao Senhor Padre Jeremias e a todos que os levo no coração”... Agora reflectindo nessas palavras, entendemos o seu alcance.



Ela afinal, assistiu à conferência, mas foi do céu! Foi-se de repente e serenamente, junto dos seus familiares.

Como eu recordo a alegria imensa que ela sentiu, quando soube que se iria iniciar uma fraternidade OCDS em Coimbra e da ligeireza com que se desligou da Ordem Terceira Franciscana a que pertencia!

A Celeste foi uma pedra firme que Jesus plantou e cultivou junto dos irmãos que se dispuseram a empreender a tão bela tarefa de iniciar em Coimbra uma fraternidade

do Carmelo Secular! Tinha o Carmelo no coração, esta nossa irmã piedosa, sorridente e sábia. A saudade que fica é a prova dos momentos bons que vivemos com ela, todos, os que hoje temos a honra de lhe chamar Amiga. Para nós que cremos na Vida Eterna, ganhámos uma intercessora no céu! Deus a acolha no descanso Eterno!

*Maria Emília ocds*

## Retiro anual OCDS

A Ordem Secular realizou o primeiro dos seus retiros anuais, em Fátima, na *Domus Carmeli*, de 10 a 12 de Dezembro. Nele participaram sessenta pessoas e estiveram representadas as Comunidades de Aveiro, Coimbra, Fátima, Lisboa, Paços de Ferreira e Tavira.



Orientado pelo P. Vasco, do Convento de Avesadas, este retiro teve por tema “Viver a Alegria, aceitando os outros, e abertos à profunda experiência de Deus”. Foi tratado com uma profundidade, uma vivência e uma autenticidade admiráveis, onde a filosofia, a sociologia, a antropologia e a teologia se deram as mãos, apoiadas em textos bíblicos, veto e neotestamentários, e em trechos dos santos do Carmelo, que tiveram a força e a graça de levarem à reflexão, à contemplação e, em tempos de preparação do Natal, à conversão do coração - de que não faltaram testemunhos pessoais.

Com palavras simples e profundas, o P. Vasco por todos foi compreendido, fosse qual fosse o seu nível cultural, e a todos ensinou, persuadiu e agradou com a sua mensagem de alegria, de perdão, de conquista de liberdade. O compromisso de baptizados, que nos eleva à condição de sacerdotes, profetas e reis, sublinhou, é também um apelo à santidade, ao processo gradual de nos configurarmos à vontade do Pai, à união com Ele, através da Verdadeira Humildade, da capacidade de crer, esperar e amar. A partir da última comunicação, “a Oração do Pai nosso comentado por Teresa de Ávila”, pudemos procurar verdadeiramente a vontade de Deus nas nossas vidas.

Que Teresa de Jesus nos ensine a ser “amigos fortes de Deus”, testemunhas duma “esperança que não decepciona” e audazes em construir pontes, em vez de abismos, neste momento difícil da nossa história.

Foram três dias de muitas graças e bênçãos, em que os rigores do inverno deram lugar à suavidade amena do tempo e à luz do céu de Fátima.

*Maria Emília ocds*

## Ordenação de 3 diáconos carmelitas

*No passado dia 12 de Dezembro foram ordenados os primeiros Carmelitas de Timor Oriental e de Angola.*

O Santuário do Menino Jesus de Praga de Avesadas acolheu uma jornada histórica com a ordenação diaconal dos primeiros Carmelitas Descalços de Timor Oriental Fr. Nuno Pereira e Fr. No´Martins, e do angolano Fr. Daniel Jorge.

Com esta ordenação e a dos outros dois – de nacionalidade portuguesa – ordenados este verão, Fr. Marco Caldas e Fr. João Rego, a Província portuguesa conta actualmente com cinco diáconos carmelitas descalços.

O Bispo auxiliar do Porto, D. António Taipa, presidiu à celebração acompanhado de um grande número de sacerdotes carmelitas, de outros sacerdotes diocesanos, religiosos, religiosas e amigos dos ordenandos vindos dos seus respectivos países.

Na homilia, D. António Taipa agradeceu a Deus o dom da vocação dos três jovens como sinal da universalidade da Igreja e da Ordem dos Carmelitas Descalços, assim como da fecundidade das comunidades cristãs e missionárias que ajudaram estes jovens a amadurecer na fé.

Pela sua parte, o P. Pedro Ferreira, Provincial de Portugal, manifestou um profundo sentimento de gratidão pelo testemunho dos três candidatos e pelo apreço que a diocese e a Igreja portuguesa tem pelos Carmelitas.



Lembrou que os novos diáconos são as primícias do Carmelo Descalço em Timor Oriental, onde já se encontram as Irmãs Carmelitas Descalças e também de Angola.

Manifestou o desejo esperançado de que eles sejam “as sementes de uma aurora missionária da Ordem nos seus respectivos países”.

A proximidade histórica e linguística que ambos países mantém com Portugal suscitou a proposta de alguns projectos missionais da Ordem nesses países. Apesar da escassez vocacional pela qual atravessa a Europa, a Conferência Ibérica de Provinciais estuda a possibilidade de os concretizar.

---

## Os Carmelitas na Sibéria

*Bênção da nova casa dos Carmelitas Descalços de Usole*

No passado dia 20 de Novembro, coincidindo com a festa de S. Rafael Kalinowski, o bispo da diocese de Irkuck, D. Cyryl Klimowicz, benzeu o novo convento dos Carmelitas Descalços da Província de Varsóvia em Usole, no Este da Sibéria (Rússia). Sacerdotes diocesanos, religiosas e leigos da pequena comunidade paroquial (60 pessoas) da cidade reuniram-se para participar no acto da bênção do novo convento que albergará os religiosos que desde há dez anos viviam num apartamento da cidade de Usole.

A compra desta nova casa, em que habitam os religiosos e em que funcionarão também as oficinas paroquiais, foi possível à ajuda da Ordem, principalmente das Irmãs Carmelitas Descalças do mosteiro “Regina Carmeli” de Roma e a distintas organizações estrangeiras.

A cidade de Usole, que fica perto do famoso lago Baikal, está vinculada à presença de S. Rafael Kalinowski. Antes de entrar no Carmelo, o santo viveu nesta cidade durante três anos para onde foi deportado e sujeito a trabalhos forçados (1865-1868).

Actualmente a cidade conta com uns 70.000 habitantes, na sua maioria ortodoxos e não crentes. Para além dum pequeno grupo de leigos católicos, há três comunidades religiosas: os Carmelitas Descalços (três religiosos), as Irmãs Carmelitas Descalças (seis religiosas) e as Irmãs da vida de Albertina (três religiosas) que trabalham entre os pobres.

Territorialmente a diocese de Irkuck é talvez a maior do mundo, com uns 10 milhões de Kilómetros quadrados, e é uma das mais pequenas em número de católicos (50.000). Nela trabalham 46 sacerdotes, comprometidos em chegar a todos os fiéis, até mesmo aos mais distantes. Toda a comunidade é muito ecuménica.

---

## Algo aconteceu em Portugal e em Fátima

*Jean-Marie Guénois, 49 anos, é o editor-adjunto da secção religiosa do jornal francês ‘Le Figaro’ desde Agosto de 2008, depois de ter estado durante dez anos no jornal ‘La Croix’, como editor de religião. Durante o período em que esteve ligado ao ‘La Croix’, tinha também*

*um programa semanal no canal televisivo ‘France 2’ onde entrevistava personalidades de todos os quadrantes.*

*De 1989 a 1998, Jean-Marie viveu em Roma, onde fundou uma agência de notícias internacional, a ‘I. Media’, que se tornou numa agência de referência no Vaticano. Desde esse período, já acompanhou quase 50 viagens papais, acreditado como jornalista no avião, sendo que cerca de 40 foram com João Paulo II.*

*Chegou a Portugal a bordo do avião do Papa, na condição de enviado especial do ‘Le Figaro’ e como correspondente da rádio francesa RTL. No dia 30 de Maio publicou neste jornal o artigo: “Algo aconteceu em Portugal” que deu azo a esta entrevista publicada na VOZ DA VERDADE.*

*Que balanço faz da visita de Bento XVI a Portugal?*

Vejo esta viagem apostólica como um resumo do seu Papado e da Igreja! Na prática, esta viagem marca uma recuperação no pontificado de Bento XVI. Mas não é uma recuperação artificial nem técnica, tal como a recuperação dos preços das acções, mas uma recuperação baseada na verdade. A verdade da grandeza da dimensão da Igreja. Ela não pode ser resumida num escândalo de padres pedófilos. A Igreja é um povo e os portugueses demonstraram-no muito bem. Um povo liderado por padres, bispos e pelo Papa, que são fundamentalmente os servidores do povo. E isso foi visível durante esses quatro dias. E todos são animados pela fé, esperança e caridade nessa ocasião. Os portugueses trouxeram o Papa e Bento XVI trouxe os portugueses. Foi a Igreja! No fundo, Bento XVI deu nos seus discursos um resumo do seu pensamento e do seu pontificado: o cristianismo atraído pelo exemplo e não pelos discursos; proposto e não imposto; em que os cristãos são missionários de Cristo e não de uma ideologia; por isso devemos deixar as ideologias e conciliar a fé e a razão.

*Qual o momento que definiria como o mais marcante desta viagem e porquê?*

Penso numa imagem, para mim a mais forte de toda a viagem: quando Bento XVI ofereceu uma rosa a Nossa Senhora de Fátima. Isto pode parecer ridículo e infantil, mas foi em Fátima que a mais bela espiritualidade da Igreja apareceu, em plena luz do dia. A espiritualidade da criança que sabe que deve tudo a Deus. Escolhi este exemplo porque tive o privilégio de estar a poucos metros do Papa e fiquei impressionado – tocado até – com a simplicidade da sua meditação. Parecia uma criança que trouxe um presente para a sua mãe. Nada existia à sua volta, nem câmaras de televisão, nem a multidão, nem mesmo o estatuto de Papa. Ali, era um grande cristão, humilde, que parecia falar com ‘alguém’ que estava realmente presente. Estas são coisas que normalmente não descrevemos no nosso trabalho como jornalistas, mas, desta vez, o mistério foi ‘palpável’. Nesse sentido, essa imagem resume toda a viagem: o poder da fé, a força de Fátima e a simplicidade humana que fala mais que palavras, porque a fé fala di-

rectamente ao coração. É realmente a mensagem chave, fundamental para a fé cristã.

*Surpreendeu-o a recepção e mesmo o carinho, dado pelos portugueses ao Santo Padre?*

Não, de todo, porque estávamos num país maioritariamente de cultura católica. Mas o que me surpreendeu foi ver a densidade do afecto dos portugueses para com o Papa. Nós [vaticanistas] sentimos que esse afecto era sólido. E chama-se fidelidade, acredito eu, contra todas as probabilidades, sem grandes discursos, mas através de actos concretos. Que lição e que dignidade!

*Qual terá sido a importância deste acolhimento para o pontificado de Bento XVI?*

Vários especialistas internacionais consideraram mesmo que a peregrinação a Portugal abriu uma nova etapa neste pontificado. . .

Longe de mim querer ‘reduzir’ a viagem à crise de pedofilia na Igreja. Mas o facto é que esta viagem a Portugal – graças à mobilização dos portugueses – marca uma ruptura na história dessa triste polémica mundial. Não terá sido no avião que o levou para Lisboa – onde Bento XVI convidou a Igreja a assumir a sua própria responsabilidade e nem sempre a culpar o mundo exterior – mas especialmente na missa de 13 de Maio, em Fátima, onde estiveram meio milhão de fiéis e a diferença foi feita. Eles ‘votaram com os pés’, como se diz em França, para dizer que a Igreja não era a crise de pedofilia e que o Papa estava longe de estar isolado. Isso impressionou em França e mudou a imagem do Papa. De facto, escrevi um artigo intitulado ‘Le rebond de Benoît XVI’ (‘A recuperação de Bento XVI’). Mas confesso que não foi percebido dessa forma se não fosse a mobilização do povo português.

Parece-me que esta viagem vai ficar na história do papado como um ponto de viragem. Ela não marca o fim da crise dos padres pedófilos, mas o fim da dúvida. E fez voltar a Igreja Católica ao essencial, que é composto principalmente pelos fiéis e pelos seus sacerdotes e bispos. Uma Igreja que não pode ser reduzida a alguns sacerdotes desviantes.

**Flor do Carmelo** deseja a todos os seus leitores continuação dum **Santo e Feliz Natal** e um **Ano Novo** cheio das maiores graças e bênçãos do Céu.

*A mensagem do Papa em Portugal teve impacto mundial? Quais foram os ecos desta visita na imprensa internacional?*

O impacto foi mundial, sem dúvida, precisamente por causa do contexto e da capacidade de resposta do povo português. Não podemos dizer que a multidão não foi ao encontro em Fátima! No fundo, o apelo à missão dos cristãos na sociedade lançado por Bento XVI em Portugal parece-me algo completamente inédito na sua intensidade. Não é como um retorno ao passado, mas como uma redescoberta da alegria dos primórdios do cristianismo. Não surge como uma imposição, mas como uma proposta. Não é uma luta sem inteligência contra as forças da razão, mas uma reconciliação com as forças da razão. É assim o pontificado de Bento XVI. Quase que se poderia dizer que a mensagem desta viagem é uma versão condensada do seu pontificado. E o impacto global da mensagem é que se está a fazer justiça para com o seu pontificado, na sua verdadeira dimensão e não na sua caricatura.

*Acredita que mudou a imagem que o mundo tem de Bento XVI depois da visita a Portugal?*

Sim, a imagem mudou para o público em geral, mesmo que ainda existam pessoas que não ‘querem’ ver o óbvio. Mas o que é mais impressionante é, mais uma vez, ver que a força da imagem de Bento XVI é precisamente não ‘fabricar’ uma imagem artificial. Se olharmos atentamente para as coisas como elas são produzidas, vemos um Papa humilde, simples, verdadeiro e inteligente, que cativou Portugal. Esta não é uma imagem. É ele, como ele é. E, pela primeira vez – mas acho que isso só foi possível porque se sentiu ‘tocado’ pela mobilização dos portugueses – foi a sua verdadeira imagem que passou. Sem a mobilização dos fiéis nas ruas, a caricatura do Papa teria ficado. A mobilização tem aberto as portas para o público global, que foram fechadas com a crise dos padres pedófilos. Basicamente, este lado revelou a verdadeira face da Igreja e, portanto, o verdadeiro rosto do Papa. Obrigado Portugal! Não o digo por demagogia barata, mas como algo muito pessoal. Quando trabalhamos há meses sobre esta notícia sórdida da pedofilia e depois vemos a força do testemunho do povo português, isso também nos faz bem a nível profissional. Esta não é uma concessão, mas uma observação subjectiva de um jornalista objectivo: algo aconteceu em Portugal e em Fátima, em particular.

*João Carita*



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços \* Fotocomposição: Delfim Machado \* Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina \* Sede: Domus Carmeli – Rua do Imaculado Coração de Maria, 17 – 2495-441 Fátima Tel. 249 530 650 E-mail: jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt